

Duas cartas para Leila Danziger a propósito de seu mais novo livro de poemas¹

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2016

Querida Leila,

li teu livro todo entre a sala de triagem e a sala de raio-x no Hospital Badim, hoje, enquanto esperava que a Ana fizesse seus exames para descobrir por que doía tanto a sua barriga. Um dia antes foi ela mesma quem me mostrou um poema seu: “Não sei o que fazer / com tantas radiografias / de seus pulmões (...) seus ossos são luz.” Não li até o final, não tive olhos, se afogaram todos e eu fingi estar com alergia ao perfume, tenho o olfato e os olhos frágeis pra essas coisas, pra poemas, perfumes, metrô, raio-x.

Fiquei pensando, enquanto lia, no que achei do teu *Três ensaios de fala*, em como é composto por tantas camadas superpostas de imagens, imagem sobre imagem, areia molhada sobre areia seca, uma melancolia funda como médium dessas figurações, todas partidas, furadas, arreventadas. Uma melancolia capaz de abrir as coisas lá onde elas não são mera organicidade. Uma contemplação ativa das coisas mínimas: como posso dizer, como você, que “encontrei uma baleia encalhada / entre um anúncio de eletrodomésticos / e algumas notícias gastas”? A baleia arreventada, naquele seu poema “Fato bruto”, abre-se, em sua carcaça, em túmulo digno, ela mesma, para si mesma. Uma autorredenção imagética que abole aquilo que “o sol não esquece: (...) o calor de dez mil rivais”.

Leila, há algum tempo eu queria te dizer que a sua poesia me parece construir um túmulo digno para o mundo partido que você testemunha. Das tragédias familiares às históricas – tão misturadas, feito o modo como

¹ [Publicado em Grampo Canoa #4, Luna Parque Edições, janeiro de 2018.](#)

jornais, agendas, compromissos, se amontoam ao longo dos anos nos cantos das casas – com essa reunião presenciamos, talvez, a pequena possibilidade daquilo que Orígenes saudava na bíblia como “apocatástase”, e que Walter Benjamin atualizou na expressão “apocatástase histórica”. Para o teólogo do primeiro milênio, isto queria dizer a admissão de todas as almas no paraíso, inclusive as infernais. Para o filósofo do segundo milênio, a possibilidade de uma visada sobre os fenômenos que os salva integralmente na promessa de felicidade da sociedade sem classes, isto é, aquilo que ele, o saturnino, afirmava como “a indestrutibilidade da vida suprema em todas as coisas”.

Agora, com esse teu livro, *Ano Novo*, que eu pretendia ler no ano novo, em Teresópolis, mas que li na espera da emergência – enquanto a Ana doava chapas, sangue e imagens sonoras para o testemunho da saúde – fico pensando nessa promiscuidade das coisas com as datas. Se antes as coisas se abriam a nós no médium da melancolia, agora me parece que o próprio médium da melancolia que nos é dado no médium temporal mais amplo das gerações, das heranças e dos legados. Parece que, com essa disfunção temporal servindo de meio ambiente para todas as coisas, as tuas e as nossas, é a minha memória que sofre uma disfunção, e agora “a voz de meu pai / chamando pelo nome que costuma ser o meu”. O que isso quer dizer?

Leila, tive uma educação muito fundamental no marxismo, quero dizer, me apropriei das coisas e das ideias sobre o solo da militância e da teoria crítica, o que faria facilmente com que eu rejeitasse de saída uma poesia voltada para o universo da casa, do privado. Mas acontece um pequeno milagre na sua poesia: tão nominal, tão particular e tão singular, ela se converte, num passe de mágica, em intervenção geral, ampla e larga. Acontece mesmo como na imagem que abre o “Ano Novo” do livro: “Mar Vermelho sobre Praia Vermelha; / Tel Aviv sobre Copacabana.” Aquela dignidade, que você e poetas que admiro parecem trazer no verbo, se expande de dentro pra fora das coisas, para tudo aquilo que poderia vir a ser.

E é por isso que essa espécie de recensão precisa vir de dentro pra fora, do particular para o geral, de um encontro nosso, de uma carta minha pra ti, dessa pequena emoção de metrô para o âmbito mais irrestrito da vida das formas – e em mim são formas que te agradecem. Ana segue bem, sem dores – agora vamos cozinhar.

Um beijo,

R. Zacca

////////////////////////////////////

Teresópolis, 17 de abril de 2017

Querida Leila,

de toda a minha biblioteca, foram os teus livros que eu trouxe para cá, para a casa da Joana, em Teresópolis. E te escrevo completamente extenuado, depois de correr com Lucas pela manhã. Tenho corrido desde o ano novo, e a solidão de minha respiração tem sido o meu teto mais bonito. Hoje, correndo com Lucas, foi a respiração dele que se acumulou com a neblina. Uma solidão diferente. Era um fôlego agitado se sobrepondo à língua muda das coisas.

Te escrevo completamente extenuado, depois de ter corrido e depois de ter relido o mais miúdo dos teus livros, *Um golem para Caruaru*, em que você reúne nomes de cidades do que nos acostumamos a chamar de Nordeste brasileiro, e propõe pequenos golens feitos desse material indeciso entre o nome e o sentido.

Balsas
Caravelas

Picos
Unas

Cocos

Paudalho
Pão de Acúcar

Mãe d'Água
Solidão

Leila, só posso falar do seu trabalho, hoje, por nomes - estas espécies de carteiros que chegam às nossas casas de mãos vazias, o carteiro mesmo como correspondência - e me parece, justamente, com este pequeno *Golem*, que toda a tua obra é uma variação infinita de nomes para uma mesma coisa inominável. Que é esta coisa? Penso que, com a tua dicção, esta coisa é meramente aquilo que é ditado. Estou pensando no poema "Irene": "Seus cachorros / seus sidurim e pocket books / seu cabelo que é o meu. // Seu sotaque é a cicatriz - // ainda respondo ao apelo / que rasura / meu nome." É esta, talvez, a diferença fundamental entre a sua poesia nomeadora e uma poesia autobiográfica: seu nome, como na autobiografia, é encontrado em toda parte, mas em toda parte se rasura e se sobrepõe com outros nomes, até que todo o ato nomeador se torne, a um só tempo, um gesto de dignidade (chamar cada coisa por seu respectivo nome) e de comunhão (a reunião na língua de todas as coisas que não podem participar dela diretamente, como os objetos inanimados ou os que se acumulam injustiçados).

Você chama a isso, em sua própria obra, se não me engano, de melancolia. Esse procedimento foi registrado, como peça de enigma, em *Todos os nomes da melancolia*. Trata-se, como você disse, de uma "desaceleração" diante do tempo do progresso que passa desvairado por cima de todos nós. Hoje, com o corpo ainda dolorido, proponho outros nomes para isso que trabalha na sua obra. Teresópolis. Ana. Badim. Lucas. Joana. Leila.

Amor,

R. Zacca.